

MEMÓRIAS DE FORMAÇÃO: A CONSTITUIÇÃO DO SER/FAZER DOCENTE A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS

MEMORIAS DE FORMACIÓN: LA CONSTITUCIÓN DEL SER/HACER MAESTRO DESDE LAS EXPERIENCIAS

Jaíne Fernanda Jaques Miranda
Universidade Federal do Pará – UFPA
jaifermanda@hotmail.com
Ana Cristina de Oliveira Rosa
Universidade Federal do Pará – UFPA
ana.orosa@escola.seduc.pa.gov.br
Ariadne da Costa Peres
Universidade Federal do Pará – UFPA
ariadne@ufpa.br

RESUMO

Neste trabalho pretendemos narrar brevemente sobre as memórias, histórias de vida e formação de uma professora de Biologia que está em um *continuum* formativo. Um espaço que consideramos valioso para a desconstrução e ressignificação das experiências, no intuito de atribuir-lhes sentidos-significados e a compreensão dos caminhos que conduzem a constituição da identidade docente. Portanto, temos como objetivo narrar alguns episódios significativos diante dos caminhos trilhados, das experiências vivenciadas ao longo do seu percurso de vida que, hoje, a constituem como pessoa/profissional, tendo em vista a indissociabilidade do eu pessoal e profissional, trazendo a memória como ponto de partida.

Palavras-chave: Memórias; Experiências; Formação Docente; Histórias de Formação.

Eixo temático: Formação de professores de Ciências e Biologia.

Modalidade: Relatos de Experiência Docente.

RESUMEN

En este trabajo pretendemos narrar brevemente las memorias, historias de vida y formación de un profesor de biología que se encuentra en un continuo formativo. Un espacio que consideramos valioso para la deconstrucción y replanteamiento de experiencias, con el objetivo de atribuirles significados y comprender los caminos que conducen a la constitución de la identidad docente. Portanto, temos como objetivo narrar alguns episódios significativos diante dos caminhos trilhados, das experiências vivenciadas ao longo do seu percurso de vida que, hoje, a constituem como pessoa/profissional, tendo em vista a indissociabilidade do eu pessoal e profissional, trazendo a memória como base.

Palabras clave: Memorias; Experiencias; Formación de Profesores; Historias de Formación.

Eje temático: Formación de profesores de Ciencias y Biología.

Modalidad: Informes de Experiencia Docente.



O CONHECIMENTO DE SI POR INTERMÉDIO DA ABORDAGEM AUTOBIOGRÁFICA

O conhecimento de si por intermédio da reflexão autobiográfica é capaz de promover ao sujeito a apropriação de sua própria história, por meio de um projeto *auto orientado* (JOSSO, 2004) por intermédio das narrativas, possibilitando ao sujeito rever certos pontos de atuação, tomada de consciência, *autorreflexão* com um olhar *retrospectivo* e *prospectivo* para sua própria trajetória, propiciando um novo entendimento acerca do que constitui o *ofício de mestre* (ARROYO, 2007) direcionando-os para uma (re)construção da identidade docente.

Através das narrativas é possível abordar, por exemplo, o processo de construção da identidade docente, onde o sujeito é capaz de compreender seu processo identitário à medida que se dispõe a falar do eu, entrando em contato consigo mesmo, analisando as formas que se posiciona ao rememorar suas próprias experiências. Este processo está em constante transformação, reconstrução a partir das experiências sociais individuais, e tal construção identitária terá como subsídio a maneira de como o indivíduo se coloca perante o mundo (GATTI, 1996).

Quando tratamos de experiências no contexto das histórias de formação, concordamos com Larrosa (2015) ao dizer que não se pode produzi-las, que elas não podem fundamentar nenhuma prática ou metodologia, visto que, “a experiência é algo que pertence aos próprios fundamentos da vida, quando a vida treme, ou se quebra, ou desfalece” (p. 13).

Assim, podemos compreender que a partir da reflexão pessoal do sujeito, a aprendizagem e experiência apresentam-se estritamente interligadas, pois, “o que verdadeiramente importa não é a realidade vivida, mas a realidade sentida, pensada, interpretada” (NÓVOA, 2012, p. 09). Por isso, o ato de narrar consiste em falar sobre acontecimentos, atividades, situações, encontros que, ao serem postos e refletidos, servem de contexto para determinadas aprendizagens (JOSSO, 2004).

É neste contexto, que percebemos o quão significativo pode ser para a formação pessoal-profissional do sujeito a possibilidade de estimulá-lo a aprender com suas próprias experiências, através do contato consigo, com o outro e/ou as coisas, de modo que não se apresenta, de forma alguma, semelhança com o mesmo processo de aprender na escola por intermédio, por exemplo, de um profissional, uma forma ou um discurso (PINEAU, 1999).

Esta afirmativa vai ao encontro da ideia de indissociabilidade existente entre oeu pessoal e profissional. Posto isso é certo, então, que a maneira como cada professorensina está diretamente dependente daquilo que é como pessoa, quando exerce o ensino (NÓVOA, 1995). Todo professor tem uma história de vida, portanto, é um ator social dotado de emoções e possui uma personalidade, uma cultura. Sendo assim, seus pensamentos e ações carregam as marcas do contexto no qual se inserem (TARDIF, 2000).

É partindo destes pressupostos que apresentamos, a seguir, alguns episódios significativos diante dos caminhos trilhados, das experiências vivenciadas por uma professora de Ciências/Biologia ao longo do seu percurso de vida que contribuíram para a constituição da sua identidade pessoal/profissional, trazendo a memória como ponto de partida.

UM SENTIMENTO ADORMECIDO, O DESPERTAR PARA A DOCÊNCIA

MEMÓRIAS DA MARQUESA DE RABICÓ

- Agora escreva: Capítulo Primeiro.

O Visconde escreveu e ficou à espera do resto.

*Emília, de testinha franzida, não sabia como começar.
Isso de começar não é fácil. Muito mais simples é acabar.*

Pinga-se um ponto final e pronto;

ou então escreve-se um latinzinho: FINIS.

Mas começar é terrível.

(Memórias de Emília – Monteiro Lobato)

Assim como Emília, debruço-me na tentativa de narrar sobre minhas memórias. Abro um espaço que considero valioso para a compreensão dos caminhos que conduzem o meu processo de formação. Tenho como objetivo narrar alguns episódios significativos diante dos caminhos que trilhei, experiências que, hoje, me constituem como pessoa e profissional, tendo a memória como ponto de partida.

Para início de conversa, trago um excerto do conto Memórias de Emília que relata, justamente, a dificuldade que a marquesa de rabicó enfrentara ao deparar-se com o exercício de narrar sobre suas memórias: *isso de começar não é fácil!* Pensando nisso, sigo o conselho que, outrora, Visconde deixara para a boneca de pano: - *Minha ideia é que comece como quase todos os livros de memórias começam, contando quem está escrevendo [...].*

Portanto, este momento constitui-se de uma desconstrução e ressignificação de minhas vivências, na tentativa de compreender como me constituí professora, em um ir e vir ciente de que minha formação é contínua, sempre buscando pela (re)construção de

minha identidade docente que “está em constante mudança e se forja em diferentes espaços/tempos e não têm como único *locus* o curso de formação inicial de professores” (JESUS, 2003, p. 28).

Entendo que a memória é um dispositivo que permite buscar no ontem a compreensão do hoje e a transformação do porvir (CHAVES, 2011) e, recuperá-la trazendo à tona minhas lembranças, leva-me a compreender como o passado e o presente estão interligados e diretamente relacionados ao meu fazer docente.

Desta maneira, em minhas memórias busco compreensões das relações que estabeleço entre ensino e profissão desde a infância. Procuo apresentar, por intermédio do processo autorreflexivo, a compreensão das relações que estabeleço com o ensino de ciências e a profissão docente, desde as experiências com aluna até a escolha pela licenciatura e os caminhos que escolhi trilhar posteriormente a isso.

FILHO DE PEIXE, PEIXINHO É. FILHO DE PROFESSOR, PROFESSOR É?

O ditado popular ao qual me refiro, na melhor das hipóteses, intenciona que os caminhos que escolhemos seguir na vida podem ser similares ao de nossos pais. Sou professora de Ciências/Biologia, filha de professora, por isso, o ambiente escolar e tudo que dele provém sempre se fez muito presente em minha vida. Minha infância foi marcada por diferentes escolas e muitos professores. São lembranças marcantes e significativas de quando eu era conhecida como: *a filha da professora*.

Definitivamente, o dia a dia da escola tornou-se ainda mais presente quando comecei a acompanhar minha mãe, professora de Matemática, em sua jornada de trabalho. Posso dizer que, desde então, traço uma relação de amor, esperança, receio e, muitas vezes, insegurança com a profissão.

A princípio, querer ensinar, fazer parte e contribuir na formação de outras pessoas me despertava interesse o que, infelizmente, ao longo do tempo foi se perdendo por presenciar comentários negativos, descaso e desmotivação com a docência. Recordo que várias vezes ouvi no próprio ambiente escolar docentes que diziam: — *Escolha qualquer profissão, só não seja professora!* Ou ainda: — *A vida de professor não é nada fácil, ele não ganha bem e não é valorizado!*

O encanto da menina que se permitia enxergar o outro lado da moeda, talvez o lado romântico do ambiente escolar foi quebrado, desfeito por “imagens quebradas” como remete Arroyo (2007), de docentes que não se permitem ter experiências mais



dignas e humanas neste ambiente tão rico de histórias que estão inseridos. Onde muitos se deixam vencer pelo desânimo, incertezas, cansaço e frustrações que os rodeiam.

Foi quando decidi concorrer a uma vaga no vestibular para o curso de Farmácia, mas não consegui a aprovação. Então a Licenciatura em Ciências Biológicas tornou-se a segunda opção, porém, voltada para o objetivo de ser Bióloga, pesquisadora em laboratórios.

O interesse pela área da Biologia, não especificamente pela docência — pois, por um determinado momento, me deixei levar pelo que ouvia nos corredores da escola a respeito da profissão — é fruto das aulas ministradas no ensino médio, pela professora de Biologia que influenciou diretamente na minha escolha do curso. Lembro-me das aulas ministradas pela professora Eliane que, vez ou outra, nos levava para espaços fora da escola para lecionar, por exemplo, as aulas de botânica¹.

Um terreno baldio durante quarenta e cinco minutos tornava-se um laboratório de Biologia Vegetal improvisado. Eliane apresentava um domínio do conteúdo que me impressionava. A maneira como eram conduzidas as aulas, estabelecendo sempre o diálogo com os alunos, fazia toda diferença. Lembro-me que, dificilmente, Eliane nos dava respostas prontas, ela costumava instigar nossa curiosidade para que fôssemos atrás das respostas e dúvidas que surgiam.

Ao refletir sobre as aulas que tive no ensino médio, percebo que ensinar Biologia ou Ciências requer não apenas o domínio do conteúdo, pois o professor tem que conhecer aquilo que se propõe a ensinar (FREIRE, 2003) mas, envoltos à prática docente, estão presentes outros aspectos que podem tornar o processo de ensino- aprendizagem das Ciências mais eficiente.

Hoje, com um olhar retrospectivo, vejo que o diálogo que a professora Eliane procurava sempre estabelecer com os alunos, a maneira como ela encontrava meios de instigar nossa curiosidade sobre os conteúdos que eram lecionados, o fato de, quase

¹ A Botânica ou Biologia Vegetal é o ramo da ciência que estuda organismos fotossintetizantes, aqueles que produzem seu próprio alimento por meio da fotossíntese, como as plantas, algas e algumas bactérias



nunca nos dar respostas prontas e acabadas, tirava a professora do lugar de única detentora do saber, fazendo com que, juntos, construíssemos conhecimento.

Neste contexto, observo que a prática da professora se utilizava do diálogo como peça fundamental para o processo de ensino-aprendizagem (GADOTTI, 2000), o que resulta em um professor que não se coloca na posição de detentor de todo o saber, de uma relação vertical entre educador e educando, sendo o educador o sujeito que detém todo o conhecimento e o educando o objeto que recebe (FREIRE, 2010).

Um fato curioso é que a professora é oriunda do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Campus de Bragança. Diversas vezes presenciei comentários de sua parte, como: — *O curso de Biologia na cidade de Bragança é referência, temos inúmeros laboratórios e um leque de pesquisas desenvolvidas*. Por vezes, nos intervalos das aulas, ela nos contava sobre suas experiências nos laboratórios com sua pesquisa de conclusão de curso e as aulas de campo que tivera na graduação, o que me despertou interesse.

Ao refletir sobre este momento vivenciando ainda na educação básica como aluna, percebo que meu processo de formação se deu mesmo antes na entrada no curso de graduação, visto que há uma bagagem oriunda das diversas relações formativas que se forjaram ao longo do meu percurso de vida, no processo de formação pessoal, social e continuaram ao término da formação inicial (CATANI, 2000).

No ano de 2013 prestei vestibular e ingressei no respectivo curso. Até então, mesmo ciente de que estava cursando uma licenciatura, via outras possibilidades de não estar diretamente dentro da sala de aula, pois o curso me propunha essa alternativa. Procurei outras áreas diferentes do magistério, pois eu queria ser pesquisadora de laboratório. Assim, no primeiro ano da graduação, identifiquei-me e ingressei no Laboratório de Botânica.

Já na Universidade, foram meses fazendo coletas no campo, atualizando banco de dados, montando exsiccatas² e iniciando uma pesquisa para o trabalho de conclusão de curso (TCC). Até que surgiu a oportunidade de ingressar em um subprojeto³ no âmbito

² Amostra de planta prensada e seca em estufa, colada em cartolina e identificada com etiqueta. Para fins de classificação taxonômica.

³ Subprojeto vinculado ao PIBID intitulado “Aulas Práticas no Ensino de Biologia: articulando saberes na prática pedagógica” que objetivava, em linhas gerais, a implantação de ações educativas através de aulas práticas de Biologia no Ensino Médio e na Educação de Jovens e Adultos.

do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID, no qual fui bolsista durante três anos.

No período de um ano, busquei conciliar os trabalhos no laboratório e as aulas práticas na escola realizadas pelo projeto, que me proporcionaram ter a experiência como docente logo nos anos iniciais do curso. Considero esse momento de extrema relevância, sabendo da importância que há para os estudantes dos cursos de graduação ter experiências pedagógicas o mais cedo possível, para que tenham conteúdo prático para sua reflexão, conheçam e compreendam a realidade do ambiente escolar (GONÇALVES; GONÇALVES, 2009).

Hoje, ao retomar e refletir sobre o meu percurso de formação, vejo minha participação no PIBID como um divisor de águas ou *momento charneira*, como designa Josso (2004), pois foi a partir desta experiência que decidi abandonar os trabalhos no laboratório e realmente enveredar pela docência.

Na certeza do que pretendia seguir no magistério, busquei vivenciar ao máximo o que a área me propunha. Entrei para o Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Científica e Ambiental - GEPECA, participei da organização de eventos na área, tive apresentações de artigos em eventos como o X ENPEC (Encontro Nacional de Pesquisa em Educação e Ciências), entre outras atividades que me foram proporcionadas por participar do projeto.

Estar com os alunos, a aproximação, os laços de amizade estabelecidos, o carinho, respeito e o reconhecimento durante os três anos como pibidiana, fez-me lembrar a relação que minha mãe tinha com seus alunos, de tudo que presenciei ao acompanhá-la na sua jornada como docente, sendo ela, a principal inspiração dessa trama que traço desde minha infância com a profissão.

Hoje, compreendo que a experiência de *ser* professora no PIBID e as lembranças que isso me trouxe de quando acompanhava minha mãe em suas aulas na infância, fez-me entender e acreditar que o ato de ensinar é permeado de afetividade, emoções....

Estar na sala de aula me trouxe a ciência de que, naquele âmbito, se estabeleciam relações educativas entre pessoas, portanto, não cabia a mim ver os alunos como meros depósitos de informações, mas era necessário percebê-los, sentir suas emoções, temores, alegrias (TARDIF, 2008)

Ao estar na sala de aula não mais como aluna, me dei conta do quão carregada de subjetividade é esta profissão. Compreendi, por meio da experiência, que o trabalho

docente envolve a integralidade do ser professor, e que sua prática está ligada diretamente a sua história pessoal, recebendo influência de suas características pessoais e dos percursos de vida (NÓVOA, 2009).

Retomo a lembrança de cada episódio vivenciado no projeto como a experiência considerada por Larrosa (2002), que me passou, aconteceu e me tocou. É esse sentimento que hoje tenho ao ler os diários escritos depois de cada aula ministrada. Os relatos que menciono aqui me permitem visualizar o quanto estar no ambiente escolar logo no início do curso foi significativo, o quanto evolui neste processo.

Hoje, compreendo que a minha participação no PIBID Biologia, permitiu-me aprender a *sentir como professor* (NÓVOA, 2017), a construir a minha posição como profissional, por meio de um ambiente formativo que foi capaz de estabelecer vínculos e cruzamentos entre universidade, escola e professores.

Ciente da minha incompletude como sujeito, ao concluir a graduação vi a necessidade e possibilidade de dar continuidade ao meu processo formativo, no intuito de aprender e contribuir com a formação de professores e o ensino de ciências e biologia. Foi então que, em 2018, decidi concorrer a uma vaga na Pós-Graduação em Educação em Ciências.

No âmbito do Mestrado, sucedeu-se uma experiência que considero significativa para minha formação pessoal e profissional. Trata-se de minha primeira vez assumindo o papel de professora formadora junto à professora da disciplina (Auto)formação e Prática Docente, no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do campus da Universidade Federal do Pará, no município de Bragança, desenvolvendo minha pesquisa.

Foram vinte e dois dias no lugar onde dei início a minha jornada acadêmica como licencianda, vivenciando uma nova experiência com os estudantes do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. Revisitei minhas memórias junto aos alunos, conheci suas histórias, partilhamos momentos significativos. Posso dizer que nos permitimos neste tempo-espço de formação.

Poderia ter finalizado a pesquisa com uma sensação de “dever cumprido”, como sugere a Marquesa de Rabicó: — *Pinga-se um ponto final e pronto; ou então escreve-se um latinzinho: FINIS*, mas, encerrei este processo vislumbrando novos começos.

Hoje, percebo como estas experiências vividas no âmbito escolar desde o início de minha trajetória como aluna, das relações com professores, com os demais alunos e, até mesmo, de experiências como docente que o curso de graduação e pós-graduação

me proporcionou, contribuíram na constituição de minha identidade e das concepções do ser e fazer docente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escrita de si por intermédio das narrativas autobiográficas podem constituir um importante meio de reflexão, autoformação e autoconhecimento do professor que está em um continuum de formação. Percebemos que neste processo o sujeito, aqui tratado como o professor que ensina ciências/biologia, alcança o processo autoreflexivo a medida que conta sua própria história, compreende suas escolhas, toma ciência de sua incompletude como sujeito e, principalmente, atribui sentido ao ser e fazer docente.

É importante perceber como se constrói a identidade do professor, ou suas múltiplas identidades. Pois, sabemos que a formação docente não se inicia nos cursos de formação inicial, mas se dá antes mesmo da entrada dos sujeitos no âmbito universitário e não termina na conclusão do mesmo. Mas se dá a partir de todas as experiências vividas, sejam elas no âmbito familiar ou profissional, sabendo que estas irão influenciar diretamente na sua ação docente.

REFERÊNCIAS

ARROYO, M. G. **Educação de Jovens e adultos em tempos de exclusão.** In: Construção coletiva: contribuições a Educação de Jovens e Adultos. Brasília: UNESCO, MEC, RAAAB. 2005, p. 22.

ARROYO, M. G. **IMAGENS QUEBRADAS: Trajetórias e tempos de alunos e mestres.** 4º Ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

JOSSO, M. C. **A transformação de si a partir da narração de histórias de vida.** *Revista Eletrônica Educação*, Porto Alegre/RS, n. 3 (63), p. 413-438, 2007. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/2741/2088>. Acesso em: 22. Fev. 2024.

CATANI, D. B; BUENO, B; SOUSA, C. O amor dos começos: por uma história das relações com a escola. **Cadernos de Pesquisa.** Nº 111, p. 151 - 171, dez. 2000. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/199/1/01d00t01.pdf>. Acesso em: 20. Mar. 2024.

CHAVES, S. N.. Memorial de Formação: espaço de identidade, diferença, subjetivação. In: CHAVES, S. N.. BRITO, M. R. (Org.). **Formação e Docência: perspectivas da pesquisa narrativa e autobiográfica.** Belém: CEJUP, 2011. Eixo Temático III, p. 207-218.

FREIRE, P. **Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis.** 2ª ed. São Paulo: UNESP, 2003.

- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.
- GADOTTI, M. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 2000.
- GONÇALVES, T. V. O; GONÇALVES, T. O. Reflexões sobre uma prática docente situada: buscando novas perspectivas para a formação de professores. In: GERALDI, C. M. G *et al.* (Org). **Cartografias do trabalho docente: Professor(a)- Pesquisador(a)**. Campinas: Mercado de Letras. Associação Brasileira de Leituras do Brasil – ALB, 2009.
- GATTI, B. A. **Os professores e suas identidades: o desvelamento da heterogeneidade**. Caderno de Pesquisa, São Paulo, n° 98. Ago. 1996. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/798/809>. Acesso em: 19 Mar. 2024.
- JESUS, R. F. de. Sobre alguns caminhos trilhados... ou mares navegados... Hoje, sou professora. In: VASCONCELOS, G. A. N. (Org.). **Como me fiz professora**. 2° Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- JOSSO, M. C. **Experiências de Vida e Formação**. São Paulo: Cortez, 2004.
- LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>. Acesso em: 19 Mar. 2024.
- LARROSA, J. **Tremores: escritos sobre experiência**/ Jorge Larrosa; tradução ANTUNES C; GERALDI, J. W. – 1. Ed. Reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2015. – (Coleção Educação: Experiência e Sentido).
- NÓVOA, A. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. **Cadernos de Pesquisa**, v 47. n. 166, p. 1106-1113. Out/Nov. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v47n166/1980-5314-cp-47-166-1106.pdf>. Acesso em: 15 Mar. 2024.
- NÓVOA, A. (Org). **Os professores e sua formação**. 2 Ed. Lisboa: Dom Quixote. 1995.
- NÓVOA, A. **Professores imagens do futuro presente**. Lisboa: Educa, 2009.
- NÓVOA, A. **Prefácio** In: SIMÃO, A. V; FRISON, L. B.; ABRAHÃO, M. H. B. (Org)... Natal, RN:EDUFRN; Porto Alegre EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2012. 329 p. (Pesquisa (auto)biográfica ∞ Educação).
- PINEAU, G. Experiências de Aprendizagem e História de Vida. in: CARRÉ, P; CASPAR, P. **Tratado das Ciências e das Técnicas da Formação**. Trad. Pedro Seixas. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.
- TARDIF, M. **Saberes docentes & formação profissional**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- TARDIF, M. Saberes Profissionais dos professores e conhecimentos universitários: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas



IX Encontro Nacional de Ensino de Biologia
VII Encontro Regional de Ensino de Biologia MG/GO/TO/DF
Ensinar Biologia, ensinar vida: entrelaçando histórias, docências e afetos

consequências em relação a formação para o magistério. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, ANPED, n°. 13, pp. 05/21, Jan./Abr. 2000.